

Biografia e Gênero: repensando o feminino

Tânia Regina Zimmermann^{*}
Márcia Maria de Medeiros^{**}

Introdução

As mulheres começam a respeitar seu próprio sentido dos valores. É por esta razão que a substância de seus romances começa a mostrar certas mudanças. Parece que as mulheres que escrevem estão menos interessadas por si próprias e mais pelas outras mulheres. No início do século XIX, os romances de mulheres eram em grande parte autobiográficos. Uma das razões que as impulsionava era o desejo de descrever seu próprio sofrimento, de defender uma causa própria. Agora que este desejo não é mais tão imperioso, as mulheres começam a explorar o mundo das mulheres, a escrever sobre as mulheres como nunca se escreveu antes, pois, até época bem recente, as mulheres na literatura eram, certamente, uma criação dos homens.

(Virgínia Woolf 1822-1941)

Produções cinematográficas contemporâneas com protagonistas femininas retratando a vida de Frida Kahlo, Olga Benário Prestes, Camile Claudel e Carlota Joaquina podem ser reflexos de que homens e mulheres começam a explorar o mundo das mulheres mesmo que ainda consolidem os velhos estereótipos¹. O mesmo acontece com produções biográficas como *Olga* (Fernando Morais), *Ruídos da Memória*

^{*} Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do curso de História na Universidade Paranaense, UNIPAR.

^{**} Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)

(Marina Maluf) e *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo* (Margareth Rago) as quais podem servir de referência para novas reflexões relacionadas as biografias e a História do Gênero².

Com tal proposta em mente, torna-se necessário apresentar algumas discussões pertinentes sobre os estudos que direcionam as atenções às histórias individuais. Os estudos biográficos têm crescido entre os historiadores preocupados em mostrar a significação histórica de uma vida individual. O aumento das biografias no mercado editorial suscitou nas academias a discussão da noção de indivíduo e de preocupações teórico-metodológicas com as relações entre biografia e história. Para Jacques Le Goff, a biografia nos possibilita lançarmos um primeiro olhar sobre a complexidade de questões históricas. Em entrevista recente à Folha de São Paulo, Le Goff teceu as seguintes considerações: “Acho que a biografia se aproxima da história total, que idealizávamos na Escola de Annales. Quando faço uma biografia, penso que devo, por meio de um personagem, chegar a uma explicação da sociedade daquele tempo”.³

Giovanni Levi, em suas análises sobre a biografia, também sugere novas perspectivas para pensarmos a atuação

¹ Sobre Carlota Joaquina, comumente, associamos o filme dirigido por Carla Camurati: *Carlota Joaquina, princesa do Brasil* no qual ainda se consolida a lenda negra construída sobre a mulher de D. João VI.

² Usamos aqui, preferencialmente, a categoria analítica Gênero por entender que esta amplia o conceito de papéis sociais ao incorporar a dimensão das relações de poder. Neste sentido não basta identificar a divisão dos papéis entre os sexos, antes é preciso perceber as relações em que se estabelecem e que os determina, somente identificar estes papéis poderia servir apenas para naturalizar antigas questões. Gênero enquanto categoria de análise, permite melhor compreender as relações sociais e culturais entre os sexos, entendendo que o estudo de um envolve o estudo do outro. Veja-se SCOTT, Joan. Gênero. “Uma categoria útil de análise histórica”. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16, julho/dezembro de 1990, p.7. PEDRO, Joana. “Relações de Gênero na Pesquisa Histórica”. *Revista Catarinense de História*, n. 2, p. 39.

³ COLOMBO, Sylvia. “Visões do poente. Le Goff e Hobsbawm mapeiam o Ocidente”. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 80, n. 26.251, 15 fev. 2001, p. E 1 e E3.

⁴ CHARTIER, Roger. “A História hoje: dúvidas, desafios, propostas”.

de indivíduos na sociedade:

Nenhum sistema normativo é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda a possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras, de negociação. Parece-me que a biografia constitui nesse sentido o lugar ideal para se verificar o caráter intersticial - e ainda assim importante - da liberdade de que as pessoas dispõem, assim como para se observar a maneira como funcionam concretamente os sistemas normativos que nunca estão isentos de contradições.⁴

Ainda com relação ao trabalho biográfico Roger Chartier expôs que nos processos dinâmicos, cujas relações sociais se desenham de maneira móvel e instável, também se abrem espaços significativos para as estratégias individuais. O autor assinala que Jaime Contreras, em sua obra *Sotos contra Riquelmes*, apresentou a questão de maneira esclarecedora:

Os grupos não anulavam os indivíduos, e a objetividade de suas forças não impedia estes de trilhar uma trajetória pessoal. As famílias (...) desenvolveram suas estratégias para ampliar suas esferas de solidariedade e de influência, mas seus homens, individualmente, também exerceram o seu papel.⁵

As discussões acima apontam elementos importantes para repensarmos a construção da biografia histórica, pois diante da crise dos paradigmas da história, da própria racionalidade ocidental, dos modelos de explicação totalizantes, do sujeito universal acentua-se a busca pelo estudo temático e as biografias históricas passam a ser também um exemplo dessa produção por permitirem um diálogo entre a micro e a macro-história. O que seria uma boa biografia? Deveríamos inserir o indivíduo no contexto colando o personagem na tela pronta e acabada? Segundo Benito B. Schmidt⁶, o principal perigo está em tornar o

In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n° 13, 1994, p. 102.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. "A Biografia Histórica". In: GUAZELLI, César A.B.; PETERSEN, S.R.F, SCHMIDT, B.B.; XAVIER; R.C. (org.) *Questões de Teoria e Metodologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 123.

⁷ Idem, p. 124.

personagem autômato em um espaço que já se encontra formatado. Acredita o autor que seria mais proveitoso deixar-se guiar pelo indivíduo estudado: “suas experiências, suas relações sociais, suas interpretações de mundo, os espaços de sociabilidade por onde circulava e como estes podem lhe ter influenciado, as leituras realizadas e sua reelaboração pessoal, os códigos de moralidade da época e suas interpretações/manipulações próprias, etc”.⁷

Sobre a questão do contexto Benito B. Schmidt⁸ observa que este conceito tem sido muito usado para preencher lacunas da documentação sobre um personagem. Sugere então que se trabalhe com a construção de hipóteses a partir do conhecimento que temos do contexto. Um exemplo disto pode ser percebido no trabalho biográfico de Natalie Z. Davis sobre “Martin Guerre” e “Nas Margens” no qual estuda três mulheres do século XVII. Neste estudo, Natalie busca entrelaçar o verdadeiro e o possível. Para isso utiliza expressões como *provavelmente*, *talvez* e *é possível*. O campo das possibilidades no olhar de Benito “abarca tanto os constrangimentos normativos e estruturais como as brechas para a criação e atuação dos indivíduos.”⁹

Na construção de biografias algumas outras considerações teórico-metodológicas podem ser pertinentes. Para Francisca L. N. de Azevedo¹⁰, a biografia não é o mesmo que realizar um trabalho de reconstrução de uma trajetória de vida. A biografia não se restringe a história de vida, mas situa-se entre a individualidade do ser e o ser social. Na construção da biografia outro problema é apresentado por Francisca L. N. de Azevedo:

(...) é a legitimidade de usar conceitos elaborados em época posterior, em pesquisas que analisam épocas mais remotas. Nesse sentido, as biografias devem ser trabalhadas sempre

⁸ Idem, p. 123.

⁹ Idem, p. 128.

¹⁰ AZEVEDO, Francisca L. N. de. “Biografia e Gênero”. In. GUAZELLI, César A.B.; PETERSEN, S.R.F, SCHMIDT, B.B.; XAVIER; R.C. (org.) *Questões de Teoria e Metodologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 130-144.

¹¹ Idem, p. 133-4.

de forma contextualizada até mesmo quando se trata da vida de uma pessoa anônima ou de um grande personagem. Para isso, é necessário operar com código de linguagem, gestos, etc., tentando decifrar diferentes espectros simbólicos, ou não, de uma cultura, afim de que a biografia surja como um índice referencial de um universo, de uma estrutura social e de uma cultura, ou seja, um conjunto coerente de normas e experiências.¹¹

Nas ciências sociais o uso do conceito *trajetória vital* teria inibido o reducionismo na construção biográfica. O indivíduo se insere na idéia da história processo, onde pode ser sujeito e sujeitado dentro das permanências e mudanças históricas. Portanto, ao fazer uso do conceito de trajetória vital evitar-se-ia uma visão *fragmentária e causal da biografia*.¹² Pierre Bourdieu defende a construção da noção de trajetória evitando assim a ilusão biográfica, ou seja a história de um sujeito deslocado do espaço social. Para escrever uma trajetória deve-se previamente construir “os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.”¹³

Biografia e Gênero

As abordagens iniciais relacionadas a ação e luta de mulheres aparecem na biografia de mulheres notáveis que se destacaram no campo da política, da cultura e da religião. Nas críticas de feministas do século XIX, os olhares masculinos selecionavam seus personagens femininos pela beleza e riqueza.¹⁴ Para fugir destes modelos escritoras apre-

¹² Idem, p. 134.

¹³ BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.p. 190.

¹⁴ SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, Ciro F.VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 281.

¹⁵ RAGO, Margareth. *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o*

sentavam mulheres que não precisavam destes atributos para se destacar.

Um exemplo de produção biográfica contemporânea diferenciada pode ser encontrada em Rago na obra “Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o Anarquismo Contemporâneo”. A autora tece importantes considerações sobre a relação entre a memória feminina e a biografia histórica. Segundo Rago, Luce escreveu a biografia de seu pai tendo como principal proposta uma produção *aberta para o futuro*.¹⁵ Rago escreveu a biografia de Luce quando esta tinha os seus 92 anos, mantendo contato permanente com a personagem. A autora entende que a biografia não visa apenas contar algumas trajetórias que fazem parte da vida de uma personagem, mas o fez, assim como Luce abordou a história de seu pai:

(...) quer compô-la como um presente que se traz para o momento atual e que se deixa para o futuro, como uma forma de salvar, no instante do perigo como alerta Walter Benjamin, as imagens, as experiências do passado, ricas e significativas, ameaçadas pelo esquecimento. Trata-se de preservar a tradição, ao menos a tradição que se quer no presente, protegendo os tesouros que devem ser cuidadosamente guardados, para que não se percam em meio ao oceano de tantas histórias individuais e coletivas. Mas trata-se ainda de torná-los conhecidos, para que se componham ativamente os repertórios das referências coletivas, para que se produzam efeitos nos inúmeros campos da atividade humana.¹⁶

Rago iniciou a biografia a partir da própria memorização de Luce em livros, artigos, folhetos e manuscritos. Com relação a memória, a autora trouxe para o presente fragmentos da experiência pública e privada de um mulher “muito especial”. Experiência esta ameaçada da exclusão e do silêncio. Mas qual seria para Rago a diferença entre memória das mulheres e dos homens? Referenciando Michelle Perrot, Rago entende que as mulheres têm um lu-

Anarquismo Contemporâneo. São Paulo : Editora da UNESP, 2001, p. 17.

¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁷ Idem, p. 18-19.

gar de destaque como guardiãs da memória com sua enorme habilidade para guardar os objetos pessoais, conservar e transmitir as histórias vividas e pela suas capacidades de tecer redes de relações.¹⁷

Para Michelle Perrot (...) “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória.”¹⁸ A autora considera que o feminismo teve destaque ao desenvolver interrogações sobre a vida das mulheres obscuras. Para torná-las visíveis foi preciso acumular dados, instituir lugares de memória e na falta de testemunhos escritos a recente história oral foi de certo modo uma revanche das mulheres. Das questões apontadas pela autora está a dificuldade de mulheres se expressarem sobre suas ações nos acontecimentos públicos, suas resistências e, sobretudo de falarem de si, de dizerem EU devido a educação que inculcou nelas o esquecimento de si para doarem-se principalmente, ao esposo e aos filhos. A autora propõem, então, boas relações entre a pesquisadora e as mulheres para que elas se sintam sujeitos da história, que liberem o seu desejo de falarem de si, de serem levadas a sério. E por fim conclui que :

Essas experiências permitirão talvez um dia analisar mais precisamente o funcionamento da memória das mulheres. Existe, no fundo, uma especificidade? Não, sem dúvida, se trata de ancorá-las numa inencontrável natureza e no biológico. Sim, provavelmente, na medida em que as práticas sócio-culturais presentes na tripla operação que constitui a memória – acumulação primitiva, rememoração, ordenamento da narrativa – está imbricada nas relações masculinas/femininas reais e, como elas, é produto de uma história.¹⁹

Qual é a proposta de Rago? É contar o anarquismo no feminino, tendo como lugar de observação a memória de uma militante histórica, sua própria leitura e interpretação do

¹⁸ PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989, p.15.

¹⁹ Idem, p. 18.

²⁰ RAGO, M. Op. cit. p. 19.

passado. Ela acredita que as mulheres têm um aporte específico na construção da cultura e da linguagem devido as diferenças de gênero construídas social e culturalmente. Ainda nesta questão Rago analisa que:

(...) a inserção social e cultural específicas tem levado as mulheres a exercerem práticas sociais diferenciadas da dos homens, elas constroem uma memória e uma relação com a vida sexualmente muito diferenciadas. E, se bem que as diferenças de gênero não respondem por todas as diferenciações que marcam os processos mnemônicos de mulheres e homens, é visível que cada gênero se organiza e se inscreve socialmente a sua maneira, redesenhando e resignificando seu próprio passado, configurando seu próprio discurso e construindo a sua própria auto-imagem.²⁰

Na construção da biografia de Luce, Rago observou o olhar antropológico da mulher política-militante atenta aos detalhes, aos pequenos acontecimentos, aos afetos e aos desejos. Grande parte das reflexões de Luce foram produzidas quando os acontecimentos eram vividos e pela sua formação racionalista traz uma narração sólida e estruturada analisando atentamente a manifestação microscópica dos poderes no movimento de militarização da vida pelo fascismo e acompanhou as criações coletivas autogestionárias na Espanha revolucionária.

Ainda no trabalho biográfico sobre Luce, Rago pretendia dar a conhecer uma mulher e seu universo de reflexões tornando-as um pouco como uma lição de vida, ou como uma diferença na qual podemos nos inspirar. Em uma de suas considerações sobre sua biografada Rago expôs:

O convívio com Luce e o contato com uma rede planetária faz-me perceber como somos herdeiros de uma tradição histórica autoritária que invalida outras formas de ler o passado e de pensar as relações sociais de uma maneira que aponte para saídas mais humanas e solidárias, ou como diz Hayden White, que nos prepare para enfrentarmos o nosso próprio destino, marcado pela descontinuidade, pela ruptura e pelo caos.²¹

²¹ Idem, p. 23.

²² AZEVEDO, Francisca L. N de. "Biografia e Gênero". In. GUAZELLI,

Repensando o feminino

A categoria gênero vista na perspectiva de Joan W. Scott tem sido utilizada para entender percepções diferenciadas sobre o passado e o presente. Margareth Rago, Michelle Perrot, Marina Maluf entre tantas outras teóricas do feminino apontam para as diferenças com relação a memória do feminino. Memória esta atenta aos detalhes, à subjetividade e às emoções e que pouco tem sido aceita pela historiografia permeada pelo machismo e autoritarismo. Neste sentido, Francisca L.N. de Azevedo analisou diferentes produções biográficas sobre Carlota Joaquina. A autora observou que tanto na literatura, como nos romances, nas artes e nas produções historiográficas dois estereótipos maniqueístas são recorrentes na passagem do século XVIII ao século XIX: as santas e as bruxas.

Segundo Francisca, as biografias de Carlota Joaquina nos revelam:

No caso de nossa personagem, a questão da mulher considerada pelo prisma de uma trajetória de vida é a forma de perceber o profundo da fragmentação da existência feminina vivida no cenário cultural ibérico no período da passagem de século XIII para o XIX, marcado pela contradição de uma modernidade inibida pela forte pressão do pensamento religioso, confrontando-se como num duelo entre os ideais do Iluminismo e os da filosofia da escolástica.²²

Francisca destaca alguns aspectos relevantes sobre o imaginário constituído em torno de Carlota Joaquina na transição do século XVIII ao XIX, cuja natureza feminina estava ligada a sensibilidade, a maternidade e a natureza e não a razão. Com a Revolução Francesa novas atitudes relacionadas aos prazeres sexuais, a novas concepções de amor e de vida são despertadas em muitas mulheres por também protagonizarem o processo da revolução. Estas idéias

Cesar A.B.; PETERSEN, S.R.F, SCHMIDT, B.B.; XAVIER; R.C. (org.) *Questões de Teoria e Metodologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 136.

²³ RAGO, M, Op. Cit. 2000, p. 50.

também chegaram a Lisboa, mas o discurso masculino católico impõe o modelo tradicional da mulher submissa e recatada. Desta forma os registros da madame Junot sobre Carlota Joaquina estão permeados pela imagem tradicional e conservadora que atribuía o espaço privado às mulheres. Madame Junot era francesa e acompanhava o general Junot durante a ocupação francesa a Península Ibérica. Seus relatos sobre Carlota foram considerados nos séculos XIX e XX como a principal fonte dos biógrafos de Carlota Joaquina.

No século XIX, grande parte das produções históricas entende o conhecimento histórico como revelação objetiva e científica “de uma suposta identidade primeira contido na coisa”.²³ Astor Diehl salienta que neste período, o processo de racionalização dos saberes fez com que se abandonasse os valores éticos e morais em nome da imparcialidade e objetividade. Com a aceleração do tempo moderno do progresso o futuro passa a ser o horizonte das expectativas e a “memória é apresentada como ruína e como restos da caminhada (...)”²⁴.

As mulheres, enquanto portadoras de uma memória das sensibilidades, dos sentimentos, dos detalhes tanto de ordem pública e privada, das pequenas coisas como fotos, objetos pessoais, são jogadas no calabouço do privado e trazidas para os discursos triunfantes masculinos como o avesso da ordem e do progresso. Assim na interpretação de Junot, Carlota tem por perfil uma mulher grotesca, feia, sedutora, grosseira, depravada e vulgar por assumir uma tarefa considerada masculina. No contexto de então, a rígida separação dos papéis sexuais valia para as classes altas e médias. Devido a precariedade do mercado de trabalho e das condições sociais, as mulheres das camadas populares mantinham uma importância para a sobrevivência das famílias extrapolando assim os papéis sociais de esposas e mães.²⁵ Carlota é a principal protagonista nas negociações

²⁴ DIEHL, Astor. “Memória e Identidade.Perspectivas para a história”. In: TEDESCO, João Carlos. *Usos de Memórias: política, educação e identidade*. Passo Fundo : Editora da UPF, 2002, p.156.

²⁵ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998, p. 162.

de paz com a França e com isso ascende politicamente na corte portuguesa.

Uma das formas de recuperar a imagem de diferentes personagens femininos deu-se com a história genealógica por questionar o essencialismo e o “texto deixava de ser, assim, o reflexo determinado pela própria realidade exterior e passava a produzir as relações a partir das quais as identidades são construídas culturalmente.”²⁶

Também Peter Burke aponta para a importância do processo de construção social ou cultural do gênero. Um exemplo disto é o recente estudo de 119 holandesas que viveram como homens (sobretudo no exército e na marinha) no início da Europa Moderna. Uma delas, Maria von Antwerpen, era órfã e foi acolhida por sua tia, porém, maltratada. Começou a trabalhar como empregada doméstica e posteriormente decidiu alistar-se como soldado. “Conforme sua autobiografia, tomou essa atitude porque ouvira falar sobre outras mulheres que haviam feito o mesmo e por temer ser obrigada a se prostituir.”²⁷

A autora Francisca com base nestes novos aportes sobre o gênero biográfico e nas reflexões sobre o contexto vivido por Carlota selecionou e avaliou a produção biográfica sobre esta personagem. Dos trabalhos com perfil acadêmico a autora avaliou obras de Julia M. Rubio, João P. Calógeras, Manuel de Oliveira Lima, Marcus Cheke e Pedro Calmon. Na análise da autora todos os biógrafos de Carlota Joaquina incorreram em análises de juízo de valor demonstrando abordagens centradas no preconceito da atuação pública de uma mulher.

Na avaliação de Francisca, a renovação no gênero biográfico traz importantes contribuições:

(...) redescobriu o personagem para além da trajetória de vida definida pelo autor, abrindo brechas para que o próprio biografado interfira em determinadas etapas da vida quando se percebem não só como atores históricos, colocados

²⁶ RAGO, M. Op. Cit. 2000, p. 50.

²⁷ BURKE, Peter (org.) *História e Teoria Social*. São Paulo : Editora da UNESP, 2002, p. 78.

²⁸ AZEVEDO, F.Op. Cit., p.144.

dentro de um contexto histórico específico, mas também como indivíduos que experimentam uma transição em uma medida contínua, entendendo a sua trajetória em termos de comportamento e de autopercepção. Deve-se ressaltar a influência de Michel Foucault, assinalando a restauração do papel dos indivíduos na construção da trama social.²⁸

Ao repensar o feminino busca-se trazer para o cenário não apenas o sexo frágil, mas a própria cultura feminina num amplo jogo de relações entre o público e o privado. Nesse sentido Margareth Rago observa que: “(...) o feminismo questionou a lógica da identidade e as oposições binárias que construíram a interpretação masculina do mundo”. Cabe então a nós homens e mulheres contribuir para desnaturalizar essa história. E concluímos com Rago: “Problematizar a relação estabelecida com o mundo, com o outro e consigo mesmo parece, assim, condição fundamental para que se possam abrir novas saídas mais positivas e mais saudáveis para o exercício da liberdade e a invenção da vida.”²⁹

Ao partilhar com a comunidade de historiadoras e historiadores da necessidade de continuamente escrever e reescrever a história a partir de uma posição do presente, que é o lugar da problemática da pesquisa, percebe-se que ainda predomina, em muitos lugares a construção de identidades fixas para mulheres e homens. Para elas cabe a maternidade enquanto função exclusiva do feminino, as tarefas domésticas e o espaço do privado e, sendo assim, muitas delas deixam de ser para existirem em função da dominação masculina. Acredita-se portanto que a biografia histórica a partir da memorização de mulheres notáveis ou não possibilita recuperar alguns fragmentos da experiência tanto pública como privada o que permite tirá-las das sombras do teatro da memória.

E as relações de poder em Gênero? Acredita-se que a escolha do tema também implica em uma relação de poder, pois a memória feminina foi pouco aceita na historiografia machista e autoritária. Portanto, recuperar a memória feminina possibilita compreender

²⁹ RAGO, M. 2001, p.56-7.

como ela foi construída, podendo, assim, suscitar novas pesquisas e novos olhares para desconstruir a lógica da dominação masculina. Estas discussões são também uma proposta para descortinar outras relações de poder presentes no cotidiano, pois a história é dinâmica e não podemos retirar das mulheres seu papel de agentes históricos.

Referências

- AZEVEDO, Francisca L. N de. Biografia e Gênero. In: GUAZELLI, César A.B.; PETERSEN, S.R.F, SCHMIDT, B.B.; XAVIER; R.C. (org.) *Questões de Teoria e Metodologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 130-144.
- BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.
- _____. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1999.
- BURKE, Peter (org.) *História e Teoria Social*. São Paulo : Editora da UNESP, 2002.
- CHARTIER, Roger. “A História hoje: dúvidas, desafios, propostas”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n° 13, 1994, p. 97-113.
- COLOMBO, Sylvia. “Visões do poente. Le Goff e Hobsbawm mapeiam o Ocidente”. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 80, n. 26.251, 15 fev. 2001. p. E 1 e E3.
- DIEHL, Astor. “Memória e Identidade. Perspectivas para a História.” In: TEDESCO, João Carlos. *Usos de Memórias: política, educação e identidade*. Passo Fundo : Editora da UPF, 2002, p. 143-159.
- LE GOFF, Jacques. “Wie schreibt man eine Biographie?” In: *Wie geschichte geschrieben wird*. Mit Beiträge von Fernand Braudel, Natalie Zemon Davis, Lucien Febvre, Carlo Ginzburg, Jacques Le Goff, Reinhardt Koselleck, Arnaldo Mogliano. Trad. Matthias Wolf. Berlin : Verlag Klaus Wagenbach, 1990 und 1998, p. 103-112.
- LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia” .In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro : FGV, 1996.p. 167- 182.
- MALUF, Marina. *Ruídos de Memória*. São Paulo : Siciliano, 1995.
- MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma História da Mulher*. São Paulo ; EDUSC, 2000.
- PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989, p. 9-18.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe*. Florianópolis : Editora da UFSC, 1998.
- RAGO, Margareth. *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o Anarquismo Contemporâneo*. São Paulo : Editora da UNESP, 2001.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “A Biografia Histórica”. In: GUAZELLI, Cesar A.B.; PETERSEN, S.R.F, SCHMIDT, B.B.; XAVIER; R.C. (org.) *Questões de Teoria e Metodologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 121-

129.

SCOTT, Joan. Gênero. "Uma categoria útil de análise histórica." In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16, julho/dezembro de 1990, p.5-22.

SOIHET, Rachel. "História das Mulheres". In: CARDOSO, Ciro F.VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-295.

Biografia e Gênero: repensando o feminino

Tânia Regina Zimmermann*

Márcia Maria de Medeiros

Resumo: O recente entusiasmo de historiadoras e historiadores pela biografia histórica tem suscitado debates em torno de algumas questões metodológicas na historiografia. Neste artigo, pretende-se levantar alguns aspectos do trabalho biográfico e apontar algumas discussões sobre a memória de mulheres em produções históricas.

Palavras-chave: Biografia, gênero, memória

Abstract: The recent enthusiasm historical by historical biography had made born discussions around some metodological questions in historiography. This article wants apoint some aspects of the biographyc work and apoint some discussions about women memories in historical productions.

Key-words: Biography, memory, women history.

Artigo recebido para análise em 05/03/2004.

Artigo aprovado para publicação em 21/03/2005